

»A Laura e o Joaquim«

Uma aproximação literária ao antigo sacrifício da liberdade da mulher pescador

A Vila de Alvor, no concelho de Portimão, no Barlavento do Algarve, é uma Vila piscatória há milénios. Porquê a Ria de Alvor? Porque é uma bacia aqui no Atlântico que oferece uma existência sustentável entre o homem e o mar. Já o grande Navegador Cartaginês Aníbal falava sobre as águas cristalinas desta baía e sobre a excelente qualidade de peixe e do marisco. Então, desde há mais de 2000 anos, que os habitantes cumprem o seu pacto com o Atlântico, e pescam peixe e apanham marisco para comer, vender, e construir uma existência. Desde sempre, eles são gratos pelas frutas do mar, sacrificam o seu trabalho, a sua crença, e muitas vezes até a sua vida por esta prenda do universo.

O homem e o mar, uma epopeia antiga entre a criatura humana que Deus criou, e os elementos da natureza. Em suma, significa uma luta permanente, que encontrou a sua verdade total na obra de Ernest Hemingway. A morte do peixe é a base do salário do homem, mas ele tem de se preparar para pagar o tributo do trabalho duríssimo, sem contar as horas, sem recuar no desafio diário, que a Senhora da Morte pode vir buscar, e tem de se confrontar com todos os desafios de Neptuno e Poseidon. Por outro lado, recebe algo imaterial para este sacrifício: Um pescador não tem patrão, não precisa de obedecer a alguém. Tem de fazer o que tem de fazer. Tem de decidir, tem de ser disciplinado e ir trabalhar a qualquer momento. Tem de ser solidário com os outros, porque sozinho no mar, um pescador só, está perdido. Então tudo o que faz parte da sua vida, que sustenta o pilar da sua existência, acontece intrinsecamente á sua própria vontade. Esta independência pode criar uma forma de liberdade, que um sistema político nunca pode alcançar. O pescador não sabe disso, porque muitas vezes cresce sem educação escolar superior, mas é intuitivo, ele sente este bichinho nas suas veias, que está a criar uma consciência muito forte, e um orgulho único, que todos as pessoas sentem: que está a construir a sua própria existência com o próprio trabalho e com as suas próprias mãos.

Ao lado do pescador está sempre uma mulher. Pode ser a esposa, a mãe, a irmã, a tia, a avó, a prima, as filhas. As mulheres, nas famílias dos pescadores, têm um papel extraforte, elas conhecem bem a responsabilidade que carregam aos ombros. São elas as matriarcas da família, são elas, que tomam conta de tudo e de todos na terra. Elas partilham a educação dos filhos, e se for necessário, também dos filhos das vizinhas. Elas tomam a responsabilidade, elas partilham o cuidado, o trabalho, as preocupações, elas dão força umas às outras, abraçam, quando é preciso, riem e choram juntas e enfrentam qualquer desafio.

Um pescador não pode existir sem uma mulher ao seu favor. Ele sabe isso, não diz, mas sabe. Pode trazer pescado suficiente para casa, mas sem mulher, não tem amor. Por isso, tem ainda mais respeito pela sua heroína do que pelo mar. No mar pode perder a sua vida, mas se perde a sua mulher, perde tudo que enche a sua alma e o seu coração e fica morto, estando vivo.

Esta verdade alimenta uma lei de universo, que não está escrito em livro algum. Esta verdade de cumplicidade entre a mulher e o homem espelha a forma mais natural de se juntar e partilhar forças, tal como no testamento antigo. Logo no início do Genesis está escrito: A primeira mulher na criação do mundo chamou-se Lilith, e ela queria ser igual a Adão, porque Deus criou os dois da mesma matéria magna e não diferenciou a força, nem a posição, nem o sexo. Mas Adão não quis que Lilith tivesse o mesmo papel que ele, e Lilith abandonou o paraíso e construiu o seu próprio caminho. Depois deste momento de separação, Lilith simboliza uma força fundamental da vida. Mas o homem quis reivindicar esta força toda só para ele e, por isso, os narradores e mais tarde os escritores da bíblia, inventaram a história da criação do mundo e da criatura uma segunda vez, com uma outra imagem de mulher: Eva. Mas a lei de universo não se deixa enganar, a história da humanidade prova que um pescador com a sua esposa faz um pacto, tal como Lilith desejava criar, e que funciona para os dois. Honore e labore - são eles, que criam e são eles que colhem.

Laura e Joaquim:

O meu primeiro amigo aqui em Alvor foi o Joaquim. O Joaquim, que agora finalmente com 70 e tal anos está reformado, era um mariscador. toda a sua vida aconteceu entre a maré alta e a maré baixa, quando trabalhava na apanha do marisco. Sempre andou com boné, “que faz um homem”, me explicou. Um homem sem boné é um “Grünschnabel”, um maroto, um jovem novato. O boné também serve contra as moscas, contra o sol, contra a chuva, para bater pó e marcar um homem digno, que está a construir a sua existência com as suas próprias mãos. Um balde, uma faca de amêijoia e uma rede era tudo o que precisava para ir trabalhar. Com as costas dobradas, as mãos dentro da areia, ele tirava os bivalves da Ria. Berbigão, amêijoia, conchilha. Concha por concha. Com uma faca maior tirava o mexilhão e as ostras das rochas. Dia após dia, sete dias por semana. Depois do regresso a casa, limpava os bivalves e, em seguida, entregava o marisco aos restaurantes para venda.

Era legal? Claro que era. O Joaquim tinha licença de apanha de bivalves, para o seu viveiro pagava uma quota anual e era registado como mariscador nas entidades da capitânia. No

início de 3^o milénio, ainda ninguém se preocupava com o IVA, a faturação tripla, a guia da matrícula, a norma EU do ISO 9001, ou com a desinfeção do marisco. “A única coisa que vou desinfetar, é a minha sanita”, comentou Joaquim sobre as leis em vigor, mais tarde.

Depois do trabalho, depois de jantar junto com a sua esposa Laura, os seus filhos e os seus netos, o Joaquim encerrava o seu dia com conversa na antiga lota, um cafezinho e um mosquitinho de medronho no café da esquina.

A esposa de Joaquim chama-se Laura. Ela toma conta de tudo em casa - e da burocracia. Ela sabe tratar destas coisas melhor do que o Joaquim. Anda sempre vestida com uma bata e um avental, que só tira, quando vai á missa, ou para se deitar. Infelizmente, a Laura teve um AVC, aos 38 anos. Um braço e uma perna ficarem presas. Mas a Laura nunca baixou a cabeça, ela é a esposa do Joaquim e, por isso, ela nunca se queixou do seu papel de ser a matriarca da família, mesmo só com um braço e uma perna a funcionar. A Laura nunca desistiu e fez o que tinha de fazer: logo pela manhã, ainda com o robe vestido e as pantufas nos pés, varria a rua em frente da casa, lavava o chão dentro de casa, e deitava a água na rua. Depois lavava a roupa e pendurava as peças numa linha que passava na rua principal. Cuecas, boxers, soutiens, peúgas, bem arrumadinhos por tamanho e cor.

As vizinhas faziam o mesmo, e assim, as ruas de Alvor todas as manhãs cheiravam a lixívia e ao detergente da roupa. Depois a Laura vestia-se e levava os netos à escola. Logo a seguir ia á praça comprar pão, legumes, salada, fruta, para preparar o almoço. Antes de cozinhar ainda ia à igreja, á missa da manhã. Á volta de meio-dia preparava o almoço. O Joaquim regressava sempre do mar e da Ria por volta do meio-dia e meia. Ele trazia o marisco - e o peixe para comer. Entre o meio-dia e meia e a uma hora da tarde, a sala de jantar, na casa da Laura e do Joaquim, enchia-se. A família toda juntava-se à mesa. Eles rezavam, comiam, bebiam e conversam.

Depois de almoço todos voltavam ao trabalho. Joaquim limpava os bivalves, o filho voltava para a praça e a nora voltava á banca de peixe, no supermercado onde estava empregada. A Laura limpava a cozinha, ajudava os netos com os trabalhos de casa, tratava dos assuntos bancários ou outros, e ia tomar um cafezinho com as outras esposas dos pescadores e mariscadores por volta das 17 horas da tarde - para pôr a conversa em dia. Á noite, a Laura preparava o jantar, passava a ferro, via televisão, ia á missa e cuidava das crianças. A vida diária da Laura sempre era assim. A Laura nunca refletiu sobre se poderia viver de uma forma diferente. Nunca lhe passou pela cabeça mudar-se ou deslocar-se de Alvor ou ir trabalhar para algum sítio fora de ambiente piscatório. Nunca pensou sobre a possibilidade de obter uma vida sem matrimónio, sem responsabilidades familiares. “Que

jeito, isso é para os novos-ricos e para os estrangeiros”, dizia ela a sorrir. Um sorriso verdadeiro, feliz, com o fogo do orgulho nos olhos. Ela e o Joaquim nunca precisaram de pedir nada a ninguém, mas também nunca precisaram de obedecer. Tudo o que precisavam era um do outro. Nos tempos bons e nos tempos maus.

Observação:

Hoje, em 2023, a Laura ainda varre a rua, mas já não põe roupa cá fora. A rua já não tem cheiro. Nem roupa estendida. Mas tem Turismo. Muito Turismo. Os netos da Laura e do Joaquim já são adultos e as crianças deles vão logo com cinco meses para a creche. A Laura já não precisa de cuidar dos bisnetos, já não precisa de os levar á escola. O filho dela agora trabalha para uma empresa de venda de peixe; ela já não vende o peixe na praça, que o tio apanhou na noite anterior. Porque o tio já se reformou e nenhum dos seus três filhos quis continuar na pesca, porque é um trabalho tão duro, dizem. Um filho quis estudar e o terceiro vive na Alemanha. Á hora do almoço e do jantar, a Laura e o Joaquim comem sozinhos.

O Joaquim depois de jantar ainda dá a sua volta do costume, a pé na Vila e leva sempre o seu boné. Ele toma o seu cafezinho com mosquitinho no mesmo café do costume, que agora é de um ucraniano, “um moço porreiro”, diz ele, porque o Joaquim acredita na premissa que: não contes de onde és, conta só quem és: “Os estrangeiros trouxeram muito dinheiro. Fez bem ao Algarve. Ao princípio.” diz o Joaquim. “Mas agora nada mais conta do que o dinheiro. Tudo em que a Câmara Municipal investe é para “inglês ver”. Nós pescadores e as nossas famílias ficamos esquecidos neste jogo novo á volta do Euro e do Dólar. Fomos empurrados para fora do nosso próprio habitat. Tal com os animais, quando constroem estradas novas, urbanizações ou fábricas. Os meus filhos jantam na casa deles, que compraram a crédito. Se não puderem pagar as prestações, tenho eu de pagar. Eu, que não sei bem ler, nem estudei, e nunca trabalhei fora. Trabalhei a minha vida toda aqui, na Ria. Trabalhei para alimentar a minha família e os meus filhos. Os meus netos ainda cresceram connosco. Os nossos bisnetos já não. Até não querem vir visitar-nos, dizem, a casa é velha e não tem internet. Por isso não querem vir. A internet então tem mais importância do que a minha Laura? Não digo isso a Laura, não quero vê-la triste. Não quero que os nossos bisnetos entristeçam a minha Laura. Tenho de protegê-la, não é? – Ele para de falar, olha para o mar e soluça – “porra, a verdade é que foi sempre ela, quem me protegeu e cuidou de mim. A minha Laura.”

Resumo:

O papel da Laura serve de paradigma para todas as mulheres cujos homens foram pescadores ou artesãos, a força delas era fundamental. A normalidade desta forma de existência das mulheres dos pescadores, nunca deixou crescer em si próprias uma consciência da sua importância, do seu poder nas suas almas. Que, de facto, é um aspeto essencial. Elas sabiam, no seu coração, que tinham o papel da matriarca na sua mão, mas nunca exigiram este poder. E porque não? Porque amavam. E entregavam-se com todo o seu amor à família com tudo o que podiam dar. Era o sacrifício feito por cada uma. E muitas pagaram um preço altíssimo por este sacrifício, pois sofreram discriminação ou pior: viveram através dos seus maridos sem nunca poder realizar sonhos próprios, caso os tivessem. Mas a amizade entre elas, a solidariedade e a cumplicidade de partilhar o mesmo sacrifício incluindo o sofrimento, ainda trazia momentos de verdadeira felicidade. A modernidade, entretanto, mudou profundamente a vida da mulher. Hoje a maioria das mulheres (e homens) tem emprego e são integrados num sistema de obedecer, mas recebem um vencimento para obedecer. Então, todas atualmente pagam um tributo diferente para esta nova posição na sociedade, e ao mesmo tempo têm saudades de uma forma da vida diferente. Elas querem ser mais independentes, mas só poucas atingem este objetivo na perspectiva imaterial – porque talvez definam objetivos diferentes em comparação com as suas mães e avós.

Eu, por acaso, estou convencida, que entre a dimensão antiga e a nova dimensão, dá possibilidades de mulheres criarem uma vida independente, esconde-se uma terceira dimensão. Todos nós acreditamos na independência individual e na liberdade, mas muitas vezes pensamos que são direitos adquiridos através da constituição democrática. Sim, são, claro que são, mas para atingir a liberdade, tem de se libertar propriamente, individualmente! Estou convencida, que podemos aprender com as nossas mães, avós e bisavós, como reativar esta força genuína, e combinar esta força com o amor – e com os próprios sonhos. Nós, mulheres, podemos ensinar aos nossos amados, que uma mulher tem o mesmo direito de criar uma vida à sua maneira, tal como um homem. Nós podemos iniciar uma nova era e estrutura familiar diferente onde metaforicamente o homem do mar pode continuar de existir, e não precisa de temer, de perder algo, nem o seu papel de ser um homem digno, nem a sua fama. A chave, acredito, ainda é o amor, a fonte de toda a humanidade – e uma consciência aberta, que finalmente traga a desejada liberdade.

Catrin Ponciano – 21 de outubro 2023